



Capítulo I

CHEGARAM AS FÉRIAS

Sentadas no vão da janela, no seu quarto de estudantes, duas raparigas conversavam. Uma delas, ruiva, de cabelos ondulados, era tão sardenta que seria impossível contar-lhe as sardas. A outra, morena, usava os cabelos curtos e revoltos, a formarem-lhe sobre a testa uma poupa engraçada.

— Só falta um dia para começarem as férias! — disse Maria da Luz, a ruiva, fitando Dina com os seus belos olhos verdes.

— Estou cheia de saudades do João! Custa muito passar sem ele um período inteiro!

— Cá por mim, não sinto falta alguma do meu irmão! — respondeu Dina com uma gargalhada. — O Filipe não é mau rapaz, mas enfurece-me com a mania de estar sempre a trazer para casa toda a espécie de bicharia e de insectos nojentos.

— Ainda bem que as férias deles começam um dia depois das nossas. Podemos chegar a casa antes deles e meter o nariz em todos os cantos; no dia seguinte vamos esperá-los — que bom!

— Como será a casa que a mãe alugou para as férias? Vou ler a carta dela.

Dina meteu a mão na algibeira à procura da carta, abriu-a e começou a percorrê-la com os olhos.

— Diz pouca coisa! Apenas que alugou uma vivenda na serra e que, assim, aproveita estas semanas para mandar pintar e arranjar a nossa casa. Toma lá a carta, lê.

Maria da Luz pôs-se a ler, muito interessada.

— Pois é, e diz que a casa se chama Vivenda da Nascente e que fica para os lados do cerro do Castelo. Diz que é um sítio ermo, mas que abundam lá os pássaros. O João vai ficar radiante!

— Não consigo compreender essa loucura que ele tem pelos pássaros! É tão doido por eles como o Filipe por insectos e animais.

— Eu, então, acho que o Filipe tem um jeitão para os animais! — respondeu Maria da Luz, que admirava profundamente o irmão da amiga. — Lembras-te do rato que ele treinou a ir tirar migalhas dos dentes?

Dina estremeceu toda:

— Ui! Não me fales desses horrores!

Era incapaz de sentir uma aranha ao pé dela e dava guinchos só de ver ratos ou morcegos. Maria da Luz não compreendia

como ela, com um irmão tão apaixonado pelos bichos, podia ter-lhes assim tanto medo.

— Ele realmente gosta muito de arreliar-te — voltou ela ao lembrar-se das vezes em que o Filipe metia bichas-cadelas debaixo da almofada da irmã, ou lhe enfiava baratas dentro dos sapatos. A verdade é que o Filipe era um arrelizador insuportável, se lhe dava para isso, e não admirava que Dina se irritasse tanto!

— Que terá acontecido à *Didi* durante este período?

Didi era a catatua do João, uma ave espertíssima, que imitava vozes e ruídos na perfeição. O João tinha-lhe ensinado várias frases, e a *Didi* aprendera outras tantas, por sua conta e risco, sobretudo com um tio velho e rabujento com quem a Luzinha e o irmão tinham vivido em tempos.

— A *Didi* não teve desta vez autorização para voltar para o colégio com o João — respondeu, com tristeza, a Maria da Luz. — Coitada! O que lhe vale é que há um amigo do João que a vai visitar todos os dias, e toma conta dela. Em todo o caso, acho que lá no colégio bem podiam tê-la deixado continuar a acompanhar o dono!

— Pois sim, mas se pensarmos que ela passava a vida a gritar ao director que não fungasse, e ao contínuo que limpasse os pés, e que acordava toda a gente, durante a noite, quando lhe dava para fazer de locomotiva, aos apitos, não é muito para admirar que a tivessem proibido de lá se conservar! Ela agora acompanha-nos nas férias, e vai ser bem bom! Eu gosto da *Didi*, parece-se tanto com uma pessoa que nem me lembro que é um bicho.

A *Didi* era, de facto, uma óptima companheira. Apesar de não ser capaz de conversar com acerto, falava pelos cotovelos, quando estava para aí virada, e dizia coisas tão disparatadas que os garotos reboavam-se a rir. Adorava João e era capaz de lhe ficar empoleirada no ombro, se ele deixasse, durante horas inteiras, sem se mexer.

As raparigas sentiam-se radiantes com a proximidade das férias e com as distrações que anteviam. Maria da Luz, essa, sus-

pirava especialmente por tornar a estar com a mãe de Dina, tão bonita e tão alegre!

João e Maria da Luz Trent não tinham pai nem mãe, e haviam ficado a cargo de um tio, velho e rabugento, até ao dia em que, por acaso, travaram conhecimento com Filipe e Dina Mannering. Estes, por sua vez, eram órfãos de pai, e era a mãe quem sustentava a casa com o seu trabalho. Trabalhava tanto que se viu obrigada a internar os filhos em colégios, mandando-os nas férias para casa de uns tios, por não ter tempo para os atender nem um lar capaz para os receber.

Mas as coisas haviam mudado. A mãe de Dina tinha agora dinheiro bastante para manter uma casinha para eles e permitia que lá se instalassem também os seus grandes amigos João e Maria da Luz.

Assim, em tempo de aulas, as duas raparigas e os dois rapazes regressavam aos respectivos colégios e quando vinham as férias juntavam-se todos em casa da Sr.^a Mannering.

— Acabaram-se os tios e as tias! — dissera Dina alegremente. Ela própria não apreciara os tempos em que passara as férias com o velho distraído que era o seu tio Renato. — Agora temos uma linda casa e a minha mãe!

O ponto de reunião durante as férias que se avizinhavam seria a vivenda que a Sr.^a Mannering descobrira. E Dina, apesar de um pouco desconsolada por não poder voltar para a sua casa, antegozava já as férias na serra, as passeatas e os piqueniques que iriam fazer.

— Lembras-te da aventura maravilhosa que tivemos no ano passado? — perguntou ela a Maria da Luz, que olhava distraidamente para a janela, a sonhar com o prazer que iria ter, daí a dois dias, ao abraçar o irmão. Maria da Luz franziu o narizito sardento:

— Lembro-me, sim. Foi a aventura mais espantosa que podia imaginar-se. Mas, meu Deus! Que medo tive! Aquela ilha das Trevas, lembras-te?

— Se me lembro! E aquela mina que parecia enfiar até ao fundo da Terra, e nós perdidos nela, sem darmos com a saída! Safa!

Aquilo é que foi uma aventura! Não me importava de me ver noutra...

— Tu és fantástica! Tremes toda e arrepias-te só de ver uma aranha e divertes-te com aventuras que me põem os cabelos de pé!

— De qualquer maneira, acabou-se! — suspirou Dina com pena. — Aventuras como aquela acontecem uma vez na vida! Aposto que os rapazes ainda hão-de falar nela vezes sem conta. Lembras-te do Natal? Não conseguíamos fazê-los calar!

Maria da Luz, impaciente, levantou-se.

— Ai, quem me dera já nas férias! Não sei porquê, mas estes últimos dias muito custam a passar!

O dia seguinte chegou, finalmente, e as duas amigas meteram-se no comboio, com um grupo de companheiras, a tagarelar e a rir, com as bagagens despachadas, os bilhetes nas bolsinhas e os corações a bater de contentamento! A caminho das férias!

Tiveram de mudar de comboio duas vezes, mas Dina nunca se atrapalhava. Maria da Luz era tímida e envergonhada diante de estranhos, mas os doze anos de Dina não a impediam de se governar sozinha. Era uma rapariga desembaraçada e enérgica, capaz de enfrentar qualquer situação. Maria da Luz parecia mais nova uns dois ou três anos, embora houvesse apenas um ano de diferença entre as duas.

Chegaram, enfim, à estação onde deviam apaar-se. Saltaram da carruagem e Dina chamou o único carregador que estava no cais. O homem apressou-se a pegar-lhes na bagagem.

— Olha a mãe! — gritou Dina, e correu para uma senhora bonita, de olhos brilhantes, que vinha ao encontro delas. A Dina era pouco beijoqueira, mas Maria da Luz era-o por duas! Enquanto Dina beijava apressadamente a mãe, Maria da Luz deitava os braços ao pescoço da Sr.^a Mannering e encostava docemente a cabeça à cara dela.

— Que bom que é tornar a vê-la! — dizia, e ia pensando, pela centésima vez, na sorte da Dina em ter mãe! Estava muito